

() Graduação (X) Pós-Graduação

**SALVADOR DA PÁTRIA: sentidos subjetivos da liderança de um líder do Movimento
Brasil Livre**

Everton Faria Meira
evertonmeira@hotmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Marcia Prezotti Palassi
mprezotti@hotmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

No Movimento Brasil Livre – MBL – como se configuram os sentidos subjetivos de um sujeito negro, gay e de origem periférica que assume o papel de líder? O objetivo deste artigo é discutir os sentidos subjetivos da liderança de um sujeito negro, gay e de origem periférica que assume o papel de líder no MBL. Adota-se a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia e Metodologia Qualitativa de Fernando González-Rey. Trata-se de um estudo de caso, cujos dados foram produzidos através de conversações grupais. Os resultados revelam sentidos subjetivos que se configuram sob as tensões entre o posicionamento político e as expectativas sociais adjacentes à condição socioeconômica do sujeito, entre o sentimento de decepção com os políticos tradicionais e as fantasias de salvador da pátria e líder eficaz. Conclui-se que a ação do líder é uma expressão dos seus sentidos subjetivos da liderança, que sempre há espaço para organizar novos grupos pela demarcação de diferenças entre “nós” e “eles”, e que a fantasia do salvador da pátria parece expressar o desejo por um líder que ofereça soluções simples, como culpar alguém, para resolver problemas cada vez mais complexos.

Palavras-chave: Liderança; Movimento Brasil Livre; Sentidos Subjetivos; Subjetividade; Política.

1 INTRODUÇÃO

Em julho de 2023, no ato da sua filiação ao Partido Liberal, o Vereador pela cidade de São Paulo Fernando Holiday, membro do Movimento Brasil Livre – MBL – aproveitou a presença do ex-presidente Jair Bolsonaro e brincou com sua fama de homofóbico e racista: “a imprensa sempre dizendo que o senhor é homofóbico, racista, aqui filiando um negro meio viado” (FERNANDO, 2023). As condições socioeconômicas do sujeito, e o contexto no qual constrói a sua participação, são responsáveis por diferentes sentidos subjetivos em relação à liderança. Tais sentidos podem definir representações sociais que (des)estimulam posições ativas adjacentes à construção de um sujeito que lidera ou que é liderado. A dimensão subjetiva da liderança é um tema cada vez mais popular no campo dos estudos organizacionais. Foram encontrados 189 artigos revisados por pares, publicados entre 2016 e 2024, nos quais as palavras subjetividade e liderança aparecem nos títulos e/ou nos resumos.

Aqueles artigos nos quais predomina uma visão de homem complexo têm a limitação de abordar a subjetividade de um sujeito descentrado, fruto de sistemas linguísticos, deixando a lacuna, que este artigo se propõe a preencher, de salientar o caráter processual de um sujeito capaz de agir de acordo com suas próprias convicções e princípios pessoais. É necessário reconhecer um sujeito histórico, imprevisível, dotado de intenções, afetos e fantasias adjacentes às identidades que constrói. Assim, em uma organização política dedicada a pautas conservadoras, um sujeito negro, gay e de origem periférica estaria mais distante das representações sociais dominantes, facilitando o seu protagonismo, ou, ao contrário, estaria mais propenso a produzir sentidos que o fazem se sentir cada vez mais inferior, caso em que a condição socioeconômica contribui para a representação assumida do estigma. A pergunta que essa situação-problema suscita é: no MBL como se configuram os sentidos subjetivos de um sujeito negro, gay e de origem periférica que assume o papel de líder?

Considerando que a dimensão subjetiva é inacessível à observação, o objetivo deste artigo é discutir os sentidos subjetivos da liderança de um sujeito negro, gay e de origem periférica que assume o papel de líder no MBL. A relevância de se discutir a liderança como uma expressão de sentidos subjetivos está nas novas alternativas de inteligibilidade que são criadas, o que amplia o campo de estudos acerca do fenômeno. Adota-se a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia e Metodologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2003a; 2003b; 2005; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017) como perspectivas teórica, epistemológica e metodológica. Trata-se de um estudo de caso, que deriva de uma pesquisa

maior que resultou na Tese de Doutorado de um dos autores, cujo trabalho de campo foi realizado entre março de 2016 e junho de 2019 com lideranças do movimento estudantil de uma universidade pública federal no Sudeste no Brasil e que utilizou como instrumentos: observação-participante, registro em diário de campo, questionário, completamento de frases, e conversações individuais e grupais. Para construir este artigo, destacam-se as expressões de um sujeito, o Bruno – nome fictício –, durante as conversações grupais.

Propõe-se que sentidos subjetivos do negro, do gay, do periférico e da alienação, compartilhados na subjetividade social, se configuram para tensionar sua subjetividade individual através de uma expectativa de comportamento. A eles se imbricam sentimentos de cansaço, acolhimento, aceitação e reconhecimento, mobilizando sentidos das virtudes do líder, da comunicação eficaz, do conhecimento científico, da amizade e da visão de si mesmo em sua trajetória. Em seu desenvolvimento, este artigo está dividido em cinco seções: introdução, revisão de literatura, procedimentos metodológicos, discussão e análise dos dados, e conclusões.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção apresenta uma revisão de literatura sobre o MBL, sobre a dimensão subjetiva da liderança e a teoria que embasa a pesquisa que resultou neste trabalho.

2.1 O MOVIMENTO BRASIL LIVRE NA LITERATURA

Segundo Montevechi (2021), o MBL é uma entidade sem fins lucrativos que afirma se dedicar à mobilização em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera. Não há consenso quanto ao ano e às causas da sua criação: início da década de 2010, por uma rede de grupos estudantis libertários (DAVIS, 2023); 2013, por causa das manifestações do Movimento Passe Livre (OLIVEIRA; MACHADO, 2019); ou 2014, com as manifestações contra o petróleo (RESENDE, 2019). Em sua origem, o movimento se definia como apartidário, mas sua relação com os partidos mudou (OLIVEIRA; MACHADO, 2019), passando a se autodefinir como uma organização suprapartidária e de direita (RESENDE, 2019). A literatura salienta o caráter internacional da articulação que dá origem ao movimento (GUIMARÃES, 2019), associada à estratégia de uma rede de fundações liberais estadunidenses – a Atlas Network, financiada pela Fundação Koch – voltadas à formação de jovens lideranças de direita (GUIMARÃES, 2019;

DAVIS; STRAUBHAAR, 2020; BALIEIRO, 2022).

Essas organizações são conhecidas como *think tanks*, criadas desde os anos 1970 para ampliar a agenda liberal (OLIVEIRA; MACHADO, 2019; SINDERSKI; CERVI, 2019; ROSA; BRAGA; ÂNGELO, 2022; WEGMANN, 2022). Uma delas, a Students for Liberty, ou Estudantes pela Liberdade, foi a responsável pela gênese do MBL (OLIVEIRA; MACHADO, 2019; MOURÃO; LEPRI, 2020; KRAUS, 2022). A fraca identidade coletiva, já que há pouco sentimento de pertencimento nos militantes (MONTEVECHI, 2021), explica a posição dos autores que não consideram o MBL um movimento social. A falta de uma base social organizada faz dele um grupo de pressão (BALIEIRO, 2022), ou ainda, uma prática articulatória que antagoniza com movimentos sociais de esquerda (OLIVEIRA; MACHADO, 2019; RODRIGUES, 2020). Todavia, para Kraus (2022), trata-se de um movimento social de direita, cuja ascensão foi precedida por relevantes fenômenos culturais.

O desprezo pela academia, comum entre seus membros, é considerado um traço de insubmissão às normas, mas, para Mourão e Lepri (2020), trata-se de jovens que eram fracassados até se unirem ao movimento. O MBL aglutina militantes que atuam localmente (PAULA; DOMINGUES, 2020), seduzidos por uma autoverdade (ROSA; BRAGA; ÂNGELO, 2022), em um regime de pós-verdade (DAVIS; STRAUBHAAR, 2020; ROSA; BRAGA; ÂNGELO, 2022; WEGMANN, 2022) que favorece o status quo e se espalha através do Facebook (WEGMANN, 2022). O YouTube é central na comunicação, e concentra a maioria do conteúdo produzido (BRODBECK; PRUDENCIO, 2022). A literatura salienta a *expertise* do MBL nas plataformas digitais (BALIEIRO, 2022), já que conquistou visibilidade através do uso massivo das redes sociais (SINDERSKI; CERVI, 2019) para expandir uma pauta conservadora (SANTOS; PENTEADO; ARAÚJO, 2023). A comunicação digital é a sua característica definidora, e o audiovisual tem sido central desde os seus momentos embrionários.

O MBL se constituiu enquanto ator midiático (BALIEIRO, 2022) que prioriza a forma, e não o conteúdo (ROSA; BRAGA; ÂNGELO, 2022). Esse conteúdo é carregado de desprezo por seus antagonistas, apesar de imitar atos simbólicos próprios da esquerda, como títulos de filme e palavras de ordem (MOURÃO; LEPRI, 2020), e o grupo faz muitas postagens, para estar sempre presente na *timeline* dos seguidores (FERREIRA; ALMEIDA, 2021). Sua produção midiática tem um caráter altamente intertextual, fragmentário, pervasivo e excessivo (MOURÃO; LEPRI, 2020), com argumentações simplistas de grande ressonância nas redes sociais (Kraus, 2022). Para Paula e Rodrigues (2020), o MBL ressoa pautas que repaginam a

estética liberal, com uma retórica associada aos grupos com os quais antagoniza, usando ironia e sarcasmo para mobilizar e despertar emoções (WEGMANN, 2022) através de uma estética da zoeira (ROSA; BRAGA; ÂNGELO, 2022). No meio digital, sensibiliza uma parcela da sociedade, através do método meiêutico (WEGMANN, 2022), para criticar ideologias e o sistema produtivo autônomo que se autolegitima (PAULA; DOMINGUES, 2020). Seus argumentos imbricam elementos técnicos e populismo, reivindicando um estilo tecnocrata (BRODBECK; PRUDENCIO, 2022), e o viés nacionalista promove uma imagem de si mesmo (WEGMANN, 2022). O MBL apresenta o PT como depravado, e Bolsonaro como um ícone nacionalista e intelectual (DAVIS; STRAUBHAAR, 2020).

De modo geral, defende pautas conservadoras nos costumes e liberais na economia (SINDERSKI; CERVI, 2019; BORGES, 2020; RODRIGUES, 2020; FERREIRA; ALMEIDA, 2021; KRAUS, 2022). As propostas do MBL são balizadas por valores patriarcais de ímpeto conservador (FERREIRA; SILVA, 2019), sendo referência para atos de censura às artes nos últimos anos (PAULA; DOMINGUES, 2020). Protagonizou, por exemplo, os protestos contra o Queermuseu, em São Paulo, que Klausen (2023) chama de “pânico moral”. Segundo Brodbeck e Prudencio, (2022), o MBL subverte alguns valores centrais do liberalismo. Assim, há que se questionar o caráter genuinamente liberal do movimento, já que seus atos de censura são similares às práticas fascistas de silenciamento de grupos antagônicos (BALIEIRO, 2022). Além disso, também realiza articulações discursivas nos âmbitos criminológico e político-criminal (BORGES, 2020). O movimento tem sido um dos principais expoentes da nova direita brasileira (BORGES, 2020; SANTOS; PENTEADO; ARAÚJO, 2023), e seus membros, segundo Wegmann (2022), tentam construir uma imagem de arautos da mudança, lutando contra um sistema controlado por comunistas, apesar da agenda pautada pelos setores dominantes.

Dentre as propostas de políticas públicas aprovadas no 1º Congresso Nacional do MBL, em 2015, não houve qualquer menção à corrupção ou a quaisquer termos a ela associados (MONTEVECHI, 2021). Subjacente à defesa da não política está a redução da intervenção do Estado nas relações de trabalho, com a consequente supressão dos direitos sociais, que Guimarães (2019) chama de expressão anticivilizatória de uma ameaça reacionária. Em sua trajetória, o descontentamento com o sistema político se converteu em antipetismo, e foi pelo papel combativo ao Partido dos Trabalhadores – PT – que o MBL se popularizou (MONTEVECHI, 2021), produzindo conteúdos que ligam os políticos petistas à corrupção (OLIVEIRA; MACHADO, 2019; FERREIRA; ALMEIDA, 2021), à quebra do contrato social

(RESENDE, 2019; BORGES, 2020) e aos demais males do país (WEGMANN, 2022). Com seu discurso maniqueísta (FERREIRA; ALMEIDA, 2021), provoca um sentimento de rivalidade que é disseminado com o uso massivo das redes sociais (SINDERSKI; CERVI, 2019; DAVIS; STRAUBHAAR, 2020; BRODBECK; PRUDENCIO, 2022; ROSA; BRAGA; ÂNGELO, 2022). Por sua capacidade de amplificar *fake news*, sugere-se o potencial antidemocrático das novas formas de participação, o que se contrapõe ao entusiasmo democrático de alguns estudos sobre ativismo online (WEGMANN, 2022).

2.2 A DIMENSÃO SUBJETIVA DA LIDERANÇA NA LITERATURA: UM FENÔMENO RELACIONAL

No Portal de Periódicos Capes e na base de dados Scopus foram encontrados 189 artigos, publicados entre 2016 e fevereiro de 2024, discutindo subjetividade e liderança. Desses, 155 foram descartados porque mencionavam a subjetividade de forma circunstancial. Silveira (2017, p. 13) identifica o uso da subjetividade, definida a partir do senso comum, em trabalhos acadêmicos no campo dos estudos organizacionais: “[...] parecem colocar a subjetividade na ‘garupa da moto’ e ‘arrancar a moto’ rumo à pesquisa de campo, deixando cair a carona subjetividade”. Outros 16 foram descartados porque não havia implicações da subjetividade sobre a liderança, restando 18 artigos pertinentes à temática em tela. Onze artigos discutem a subjetividade na perspectiva do construcionismo social (PEARCE, 1998), e suas implicações para a liderança constam no Quadro 1.

Quadro 1 –A subjetividade e a liderança na perspectiva do construcionismo social

Autores	Conclusões
Almada e Policarpo (2016)	Os estilos de liderança mais adequados para o sucesso de um processo de fusão são os transformacionais e os autênticos.
Maciazeki-Gomes, Nogueira, Vázquez e Toneli (2016)	Entendem a participação política como dispositivo de subjetivação, ao produzir elos entre público e o privado, ao pautar o privado como político, ao estruturar um discurso coletivo e ao abrir espaços para reinvenção dos modos de vida.
Senior e Kelly (2016)	Sugerem que o carisma, e o espaço carismático, não são resultados de uma força antagônica criada entre os sujeitos, mas o resultado de um espaço relacional no qual a diferença e a alteridade estão intimamente conectadas.
Zembylas (2016)	Desloca as emoções, da posição que é adotada nos discursos dominantes sobre padrões profissionais, explorando espaços e afetos que constituem subjetividades, organizações, governança e práticas sociais.
Dean e Ford (2017)	Dedicam-se a adicionar novas percepções às subjetividades dos empreendedores, e constata tensões que moldam a visão destes acerca de si mesmos.
Olivo (2017)	O potencial social de protagonismo dos alunos do ensino médio chileno é delineado a partir das suas próprias subjetividades como cidadãos políticos.
Chase e Martin (2021)	Mulheres com posição de liderança na educação adotaram posturas de resistência à discriminação e aos estereótipos quando negociaram tais posições.
Fairchild (2019)	Discute a liderança pós-humana, a ética e a micropolítica da conectividade, e constata uma nova forma de relacionalidade mais que humana.
Mussolino, Cicellin, Iacono, Consiglio e Martinez (2019)	Identificaram diferentes maneiras pelas quais as filhas de empresários construíram seu caminho, para se posicionarem em suas empresas familiares, fortalecendo a ideia de gênero como um processo incorporado nas relações sociais.
Wallace, Karangwa e Bayisenge (2019)	Constatarem que, em Ruanda, meninas com deficiência desafiam o poder duradouro da dominação masculina que busca limitar sua liderança e aprendizado, nas salas de aula, por meio de duas estratégias distintas: resistência assertiva e resistência subversiva.
Sinner e Gabatz (2020)	A articulação performativa das subjetividades emerge com o “povo”, um termo precário que necessita de constante (re)construção para fomentar a cidadania e os direitos humanos.

Fonte: elaboração própria.

Granero-Molina et al. (2018) adotam a perspectiva hermenêutica para concluir que a enfermagem pode assumir interesses práticos e emancipatórios. Kim (2016; 2017) define a subjetividade como um construto para encontrar variáveis explicativas da satisfação subjetiva e da autoliderança. Yap e Choy (2018) tratam a subjetividade como uma variável das práticas de segurança no trabalho, e para Pantaleão e Veiga (2019) ela é uma variável do bem-estar no trabalho. Martins e Barros (2018) abordam a subjetivação política (RANCIÈRE, 2006), e concluem que a simulação parlamentar proporciona formação política, capacidade analítica e

maior compreensão da atividade parlamentar. Comer (2017) adota a Teoria Adaptativa como perspectiva, e conclui que a identidade dos educadores foi construída socialmente, com o diálogo profissional colaborativo.

Na literatura revisada, a hermenêutica e o construcionismo social contribuem para o entendimento das relações de poder e de resistência do homem complexo, mas rompem com a filosofia da consciência (GONZÁLEZ REY, 2003a). Já nos casos em que o conhecimento é legitimado por sua significação estatística, o não-observável – afetos, intenções e trajetórias individuais, por exemplo – não possui valor. O entendimento da subjetividade como objeto de estudo, e não como condição ontológica do sujeito e do próprio pesquisador, parece indicar uma previsibilidade do comportamento humano que não se sustenta nas práticas organizacionais. Na perspectiva de Rancière (2006), a subjetivação política está condicionada à desconstrução de identidades configuradas anteriormente, de modo que parece predominar uma perspectiva a-histórica dos sujeitos. Na Teoria Adaptativa, as interações e os relacionamentos, nos sistemas sociais, resultam de forças estruturais externas e domínios intersubjetivos, deixando de considerar afetos e intencionalidade.

Os trabalhos revisados oferecem contribuições teóricas que são confrontadas com os achados desta pesquisa mais à frente, e as limitações ora salientadas devem ser entendidas como comparações com a Teoria da Subjetividade que é discutida a seguir.

2.3 REFERENCIAL TEÓRICO: A TEORIA DA SUBJETIVIDADE

A Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2003a; 2003b; 2005; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017) oferece contribuições para problemas de pesquisa relacionados à atividade humana em qualquer ciência antropológica. Seus principais conceitos são: sentidos subjetivos, configurações subjetivas, sujeito, subjetividade social e subjetividade individual (GONZÁLEZ REY, 2005). A subjetividade é a antítese da objetividade e, portanto, uma das suas qualidades. O sentido subjetivo é a unidade simbólico emocional que se configura, em cada contexto, para dar sentido à ação humana. Todo sentido é uma configuração subjetiva de outros sentidos que se imbricam às emoções, fantasias, interesses e trajetórias no momento da ação. A configuração subjetiva integra conjuntos emocionais complexos (CAMPOLINA; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2016), unindo outros sentidos de forma flexível e processual (SCOZ; RODRIGUES, 2015).

O sujeito é consciente, intencional, atual, interativo, criativo, emotivo e definido por

uma processualidade subjetiva frequentemente inconsciente (GONZÁLEZ REY, 2003a). A subjetividade individual é constituída por aspectos que expressam a história, as emoções e as fantasias do sujeito, sendo observável em suas reações somáticas (GONZÁLEZ REY; TORRES, 2017). A subjetividade social é uma condição sistêmica dentro da qual as práticas humanas são organizadas (CAMPOLINA; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2016). Ela integra sentidos que se configuram, e são compartilhados, no interior de redes relacionais sem se limitar a elas, já que expressa produções sociais gerais. Há uma tensão constante entre os níveis individual e social da subjetividade, cuja síntese faz do sujeito um gerador de novas formas de viver (MATOS; HOBOLD, 2015; FERREIRA; NOGUEIRA, 2013). O estudo da subjetividade exige a adoção de uma perspectiva epistemológica muito particular: a Epistemologia Qualitativa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresenta-se a Epistemologia Qualitativa, bem como a Metodologia Qualitativa adotada para o desenvolvimento deste trabalho.

3.1 EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA: O VALOR DA ESPECULAÇÃO E DO ESTUDO DE CASO

Para estudar um fenômeno complexo e plurideterminado como a subjetividade, González Rey (2003b) propõe a Epistemologia Qualitativa com três princípios gerais: 1) o conhecimento tem caráter construtivo-interpretativo; 2) o singular é uma instância legítima de produção do conhecimento; 3) a pesquisa é um processo dialógico. Não é possível objetivar a subjetividade através de parâmetros estabelecidos *a priori*, e nem defini-la como expressão direta e intencional dos sujeitos. Os dados são obtidos por vias indiretas, e a construção da informação é um processo de idas e vindas, com diferentes momentos empíricos nos quais sujeito e pesquisador se implicam mutuamente.

O resultado é um modelo teórico representativo que se aproxima da subjetividade do sujeito, sem a pretensão de esgotá-la, e de natureza especulativa, de modo que o pesquisador ocupa lugar central em sua elaboração. Não há perigo na especulação, mas sim em sua separação do empírico (GONZÁLEZ REY, 2005). O estudo de caso é uma via de acesso à realidade vivida pelo sujeito. Apesar de não ser bem-visto no campo das ciências sociais (STAKE, 2005), trata-se de um momento que dá sentido à produção teórica do pesquisador. O

caso singular permite dois momentos distintos de generalização: o do caso individual do sujeito estudado e o de construção teórica sustentada no caso. Não há uma relação direta e imediata entre esses momentos, mas o primeiro é condição qualitativa necessária para legitimar reflexões capazes de contribuir com teorias gerais. Para alcançar a dimensão subjetiva, adotam-se os procedimentos metodológicos discutidos a seguir.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo deriva de uma pesquisa mais ampla, que resultou na tese de um dos seus autores, e adota os procedimentos da Metodologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005). A partir de março de 2016, realizou-se observação-participante junto às atividades do movimento estudantil, em uma universidade federal brasileira, com registros em diário de campo e montagem de uma lista de contatos de militantes. Entre setembro de 2018 e março de 2019, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição em tela, a participação na pesquisa foi oportunizada a 122 militantes, foram realizadas conversações individuais e ofertado um questionário com questões abertas aos interessados. Entre abril e junho de 2019 foram realizadas quatro conversações grupais, solicitou-se a elaboração de uma redação, aplicou-se o instrumento completamente de frases e todas as conversações foram gravadas bem como transcritas. Apenas seis militantes participaram de todos os momentos propostos, e se converteram em sujeitos dessa pesquisa.

Da participação de um desses sujeitos nas conversações grupais, o Bruno – nome fictício –, extraiu-se excertos que trazem construções simbólicas diferenciadas, emoções, fantasias e intenções, indicando os sentidos subjetivos adjacentes à expressão da liderança. Quando um ou outro desses indicadores contribui para aumentar a inteligibilidade sobre a complexa organização sistêmica da liderança na subjetividade do sujeito, converte-se em uma hipótese por seu valor qualitativo. Essas hipóteses, em seu conjunto, formam uma estrutura de argumentos à qual se atribui o nome de modelo teórico. Vale ressaltar a singularidade dos significados de indicador e de hipótese na Metodologia Qualitativa, não havendo qualquer relação com aqueles adotados na pesquisa quantitativa, e o entendimento do modelo teórico como uma generalização do caso individual para o sujeito, que resulta da produção teórica do pesquisador. A próxima seção apresenta os excertos supracitados, demonstrando o processo de construção da informação sob as perspectivas aqui adotadas.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, os dados são analisados na perspectiva da Teoria da Subjetividade, são apresentadas generalizações para o caso singular e discutido o potencial generalizador desse caso para as teorias gerais.

4.1 A DIMENSÃO SUBJETIVA DA LIDERANÇA EM BRUNO: “ADVOGADO DO DIABO”

Bruno é estudante de Direito de uma instituição federal de ensino, tem entre 21 e 25 anos, foi criado pela mãe em um bairro periférico, mas há dois anos passou a morar sozinho em um bairro de classe média. Ele é presidente do Movimento Brasil Livre – MBL – da sua cidade, e é apoiador do ex-presidente Jair Bolsonaro. Os sentidos que atribui à liderança são sugeridos desde a primeira conversação grupal:

[...] eu sou negro, de origem periférica e gay. E todo mundo me pergunta isso: mas você é negro, como que você pode ter votado no Bolsonaro? [...] Eu falo: Por que? As pessoas têm consciências diferentes. A razão humana significa cada um ter uma tomada de consciência diferente dentro dessa universidade. O mundo que você viveu como negro, e eu sofri a mesma situação também, existe esse racismo, não nos faz chegar nas mesmas conclusões. [...] eu posso ter as mesmas características que você, estar no mesmo nível e tal, e eu ter uma leitura de mundo diferente. Então, o que a gente não pode é entender que o outro é alienado porque ele não lê o mundo como nós lemos.

Sua empatia com o outro que é chamado de “alienado”, por um “todo mundo” que indica um sentido da subjetividade social, sugere uma construção subjetiva da liderança que se imbrica “a uma leitura de mundo diferente”. Na segunda conversação grupal, ele diz:

Agora o que eu acho importante dizer é que essa opressão do politicamente correto não faz com que essas pessoas mudem de ideia. A prova disso tá aí. As pessoas continuam machistas, como eles dizem, continuam homofóbicas, transfóbicas, taxistas, sei lá o que se fala. Você tem que entender que a mudança dessas pessoas vem através da educação e através da cultura. Não adianta eu olhar pra você e falar assim: ah, eu acho você um viadinho. Tu é muito feio porque é preto. Aí: Meu Deus, tu não pode falar, não pode falar essa palavra [voz alterada]. Eu vou me reduzir à minha ignorância, ficar puto com você, e ir pra minha casa pensando da mesma maneira. Essa ditadura do politicamente correto que existe hoje é um desserviço à nossa sociedade. Porque ela não faz com que as pessoas mudem de ideia. Ela faz com que nós deixemos de expor aquilo que a gente pensa, e faz com que a sociedade permaneça retrógrada

como ela é.

O “politicamente correto” pode ser entendido como uma síntese das suas representações de sentidos dos negros, dos gays e das pessoas de origem periférica que são compartilhados na subjetividade social, associadas à expectativa de um comportamento político à esquerda. A “opressão” dessa “ditadura” expressa a constante tensão, entre os níveis social e individual da subjetividade, na construção da sua participação política. Sobre isto, ele disse na terceira conversação:

Eu sempre fui uma pessoa muito disruptiva em tudo. Inclusive eu acho que talvez eu sou um liberal meio chato. Tem a ver com isso também. Eu me considero sempre uma pessoa... eu gosto de ser uma pessoa... acho que eu fiz Direito, o advogado do Diabo. Eu acho que às vezes eu prefiro defender o indefensável a não ter quem não defenda nada, sabe? Então eu acho que não só ali na escola, mas várias situações me fizeram ter essa necessidade de provação. Porque eu sou um ariano, uma pessoa egocêntrica como todos, e a gente gosta de ser elogiado.

A preferência por “defender o indefensável” é uma representação teórica do Direito, já que para a justiça ser feita é necessário estabelecer o contraditório. Ser uma pessoa “disruptiva” expressa papel ativo, em sua dialética com o meio social, na construção da sua participação, que é recompensada ao “ser elogiado”. Para explorar um indicador das virtudes do líder, Bruno foi provocado sobre as respostas simples, de Bolsonaro, para problemas cada vez mais complexos, ainda na terceira conversação grupal:

[...] o Bolsonaro, ele vai no caminho daquilo que eu falei: a população brasileira tem mudado. Ela não quer mais alguém que vai lá e resolve sem a sua própria participação. E isso seria muito claro se ele não conseguisse, por exemplo, comunicar uma reforma da previdência. Então o que eu imagino é: ele não traz soluções simples a meu juízo. Ele traz soluções complexas, e escolheu um monte de ministros pra resolver essas questões. [...] eu acho que ele comunica de forma simples, o que político nenhum nos últimos vinte anos, trinta anos, conseguiu fazer. Inclusive, só uma denota, o FHC [Fernando Henrique Cardoso] é um exemplo disso. Como ele foi odiado há tempos atrás pelas privatizações. Então, ele privatizou, deu uma solução complexa pra um problema complexo, que é a privatização, e o povo o odiava porque ele era um doutor academicista, que não sabia comunicar-se com o povo. O Bolsonaro tem as mesmas propostas de privatização e, no entanto, as pessoas são muito mais favoráveis não só a ele, mas como a essas medidas. Então o papel dele é se comunicar, e isso ele faz bem.

Sua representação do líder é constituída por três virtudes eficazes: comunicação, seleção e delegação. A ela se imbrica um indicador do sentido subjetivo do liderado, a quem caberia uma participação meramente informativa. A representação de FHC, como “doutor academicista”, expressa a antítese do líder dotado de comunicação eficaz, indicando a negação

do conhecimento científico configurada em seus sentidos da liderança. Ao ser provocado sobre isso, na quarta conversação grupal, ele reagiu:

Eu acho que eu tô me tornando mais FHC do que Bolsonaro, às vezes [risos]. [...] A questão que eu digo é: o FHC, pra mim, não se comunicou. Porque só você perceber que a história foi... quando ele saiu do governo foi péssima a aprovação. Logo depois, quando ele tava se tornando uma liderança de direita, ele subiu muito com o PSDB, com Aécio, e agora, com Bolsonaro, ele caiu de novo. Então, o apoio dele não é efetivo. É um apoio conforme. É um apoio de conveniência. E o Bolsonaro, como o Lula, a meu juízo, parecem ser diferentes. Eles têm um apoio que conversa mais com aquelas pessoas que quem gosta, gosta, quem não gosta, não gosta.

Ao se configurar na liderança, seus sentidos subjetivos do liderado são associados à irracionalidade e à coadjuvação. Estes indicadores são reforçados por um excerto da primeira conversação grupal, em outro contexto de fala:

A assembleia [estudantil] pode ter cinquenta pessoas, mas ela é mais participativa que você fazer uma enquete, e mil e duzentos participarem. Eu não sei o que é isso. Eu não sei onde estava a Escola de Frankfurt pra pensar que essa participação é mais efetiva. Eu acredito que a representatividade é o que dá legitimidade pra esses processos. Então, não é mais legítimo ter uma assembleia de cinquenta pessoas do que uma enquete com duas mil votando. Porque ali, as coisas estão representando e fazendo representar as suas ideias, tal qual uma assembleia.

Esse excerto expressa representações da função legitimadora do liderado, que se configuram subjetivamente para Bruno construir seus sentidos da liderança. Ao ser provocado sobre o desejo de empoderamento do povo brasileiro, ele respondeu em sua terceira conversação grupal:

[...] a premissa de que as pessoas têm que se empoderar, é uma premissa de que as pessoas são burras e alienadas. E eu não concordo com isso. As pessoas têm racionalidade, ainda que discordem de mim, e o letramento não faz delas menos ou mais alienadas. Então, o discurso não é de empoderamento. O discurso é de: tu é indivíduo, você tem capacidade de autodeterminar-se e de fazer as escolhas sobre a sua vida. Vamos dar mais... que esse é o termo bonito: mais capacidade pra você. Vamos diminuir a sua condição de pobreza para que você seja cada vez mais capaz, não de autodeterminar... esse é o pulo do gato. Não de não ser capaz... eu tenho vontade. O que eu defendo, através do capitalismo, para os pobres, é dar mais capacidade de você fazer valer as suas vontades.

Considerando os sentidos subjetivos do líder, configurados na subjetividade de Bruno, a emancipação dos liderados depende da liderança à qual se submetem. Esse líder enfrenta uma provação expressa na terceira conversação grupal:

[...] e o que eu percebi é que pra você defender aquilo que a maioria das pessoas não defendem,

you have to read much more than those who defend the agenda. Then, like that, you have to read much, you have to be convinced, you have to affirm, and this made me become another person. Because I need to have a better eloquence than the others, I need to have a better reading than the others, I need to have more data than the others, I need to be a person who is a reference. This is also tiring, sometimes. Sometimes you just want to say: well, I disagree with that, I think it's shit. And the whole world expects something more from you. You can't just stay where I think it's shit. I think it's boring. You can't say that because almost nine hundred and eighty people defended you in that university. You can't be on the University Council and say: ah, I think it's bad, I will vote no. The people ask you. [...] You can't just simply not register in the DCE because they will keep asking you, filling the bag: why didn't you register? I think that is a bag. Because you end up carrying determined needs. The people expect from you. But it also makes me live, makes me be a better person, and it made me be who I am today: a much more educated person, a person who knows much more about politics.

Here, Bruno expresses feelings of communication, associated with fatigue, conviction and eloquence, which configure leadership. When questioned about the need to justify his positions, Bruno answered in the fourth group conversation:

I think that I wouldn't be able to perceive it if it weren't for politics. The biggest problems in my life came from political relationships, the biggest happinesses came from political relationships, the best friends, the biggest loves, the biggest disappointments. I think that is exactly that. A need for validation, because politics is validation, because if you don't convince anyone, you can't be a politician of yourself. So I think that this reflects a lot of my personal relationships. I think that I can't be someone without having someone who praises me, but more than that, that person praises me.

Subjective feelings of friendship, the vision of oneself, feelings of welcome and acceptance configure subjectively the construction of their feelings of leadership. As an antithesis to objectivity, this configuration can only be represented as a possibility, through a model that generalizes the individual case of the subject studied.

4.2 GENERALIZAÇÕES DO CASO SINGULAR PARA O SUJEITO: O SALVADOR DA PÁTRIA

Bruno constructs his protagonism in politics by adopting a singular position of the "different world reading", identifying himself with the right, contrasting himself with the feelings of the gay, the black and the poor that are shared in social subjectivity, which expects from him a

posição à esquerda.

Sua empatia com o “outro” que é chamado de “alienado”, por um “todo mundo” que tenta enquadrá-lo, sugere que o grupo com o qual se identifica é composto por pessoas que se interessam em participar e compartilhar seus pontos de vista, mas que não têm a formação política que a subjetividade social naturaliza como tradicional.

Bruno expressa, adjacente à tensão com a dimensão social, seu compromisso subjetivo com a profunda transformação do pensamento preconceituoso, enaltecendo o desserviço prestado pela “opressão” do “politicamente correto” ao configurar seus sentidos da liderança.

Ao se contrapor às ideias e práticas naturalizadas na política, e ao organizar as pessoas insatisfeitas com elas, Bruno demarca seu espaço de voz contraditória, evocando representações teóricas do Direito que legitimam sua ação, para configurar subjetivamente a liderança em um contexto histórico e social específico.

A configuração dos seus sentidos da liderança é atravessada pelo conflito entre a decepção com líderes dos “últimos vinte anos, trinta anos”, que não resolveram os problemas do país, e a fantasia do líder eficaz que personaliza na figura de Jair Bolsonaro, que é eficaz em comunicar, selecionar pessoal e delegar.

Seus sentidos subjetivos dos liderados são associados à irracionalidade e aos papéis de coadjuvantes e legitimadores das ações do líder por quem nutrem afetos. Compete aos liderados optar por uma alternativa, dentre as que o líder lhes oferece – reificando-os em uma amostra para serem categorizados, através das escolhas oferecidas pelo instrumento, legitimando inferências da população – não havendo outras possibilidades de ação além das apresentadas.

Propõe-se que a fantasia do Salvador da Pátria se imbrica aos sentidos subjetivos da liderança que Bruno constrói. Na dialética do seu sistema configuracional, a necessidade de ser eloquente e de ler mais que os outros se contrapõe à ideia de academicismo como antítese do líder que se comunica de forma clara. Opor-se ao politicamente correto, no contexto de uma instituição federal de ensino, é organizar as pessoas consideradas alienadas através de um posicionamento à direita.

Em suma, sentidos subjetivos do negro, do gay, do periférico e da alienação, compartilhados na subjetividade social, se configuram naquilo que ele chama de “politicamente correto” para tensionar sua subjetividade individual através de uma expectativa de comportamento. Ele demonstra papel ativo na construção da liderança, que é atravessada por sentimentos de cansaço, acolhimento, aceitação e reconhecimento, mobilizando sentidos das virtudes do líder, da comunicação eficaz, do conhecimento científico, da amizade e da visão de

si mesmo que construiu em sua trajetória.

A configuração desses sentidos, que se imbricam aos da liderança, envolvem outras contradições em suas configurações, em uma dinâmica complexa que não é abordada neste artigo, e que envolvem outros sentidos, reforçando a infinita capacidade humana de criar novas formas de agir. Na Teoria da Subjetividade, o caso singular é uma condição necessária para legitimar uma reflexão com alto potencial generalizador, não sendo um elemento isolado, mas um momento que dá sentido à produção teórica acerca da subjetividade sem, no entanto, objetivá-la.

4.3 REFLEXÕES SOBRE O CASO INDIVIDUAL COM POTENCIAL GENERALIZADOR

O caso estudado reforça a ideia de homem complexo que age conforme suas convicções, ideia que dialoga com a literatura revisada. Assumir-se gay, estereótipo que pode ser associado ao patriarcado, resultando em marginalização e isolamento (CHASE; MARTIN, 2021), ocupa um lugar central na construção simbólica da sua trajetória. A esta orientação sexual se associa uma “leitura de mundo diferente”, para ocupar um espaço subjetivamente delimitado à direita do espectro político brasileiro, o que fortalece a ideia de gênero como um processo incorporado nas relações sociais (MUSSOLINO *et al.*, 2019). Diante de ideias “politicamente corretas”, Bruno se dedica a estabelecer o contraditório, uma postura reativa que pode ter funções práticas e/ou emancipatórias e que evidencia o conflito entre as subjetividades social e individual em sua ação (MATOS; HOBOLD, 2015; FERREIRA; NOGUEIRA, 2013). Entretanto, considerar tal experiência apenas no momento em que se desenrola (GRANERO-MOLINA *et al.*, 2018) não parece adequado, já que ela adquire sentido em seus interlocutores ao configurarem incontáveis determinantes. Em um contexto de enfrentamento de ideias, os interlocutores envolvidos não desconstruem as identidades que já produziram em suas trajetórias (MARTINS; BARROS, 2018), mas as reconfiguram.

Na igreja, numa reunião familiar ou entre os amigos são estabelecidas contradições que estimulam Bruno em um espaço subjetivo adequado a aquele meio. Assim, na subjetividade em que seu protagonismo é delineado (OLIVO, 2017), estariam associados os pontos de desacordo (RANCIÈRE, 2006), e as competências necessárias ao líder seriam expressões dos seus sentidos subjetivos da liderança. Também foi observado o desprezo pela academia, comum entre os membros do MBL (MOURÃO; LEPRI, 2020), se contrapondo ao uso eloquente das representações teóricas apreendidas na trajetória do líder. Refletindo acerca do caso estudado,

é possível admitir que, em seu conjunto, os grupos formados através de uma visão de mundo com a qual as pessoas se identificam, não havendo outros interesses maiores, compartilham sentidos de uma subjetividade social que não são capazes de contemplar todas as visões possíveis. Sempre haverá espaço para “uma leitura de mundo diferente”, capaz de organizar novos grupos e construir a identidade social constitutiva do “nós”, demarcando o espaço que os destaca em relação aos “outros”. Em um contexto de polarização, onde a construção de convergências parece ser pouco relevante, e a divergência legítima a perpetuação de líderes no poder, os liderados são estimulados a construir identidades que trazem pouco de si, enquanto sujeitos, aceitando uma visão distorcida da realidade em detrimento do rigor no próprio pensamento.

A ideia de reconfiguração dos sentidos na subjetividade dos liderados sugere uma ação educativa adjacente à ação do líder. A liderança, nessa perspectiva, é uma atividade que deveria transformar a realidade empírica, mas o que se observou no caso em tela é que os vícios são atribuídos aos outros, enquanto as virtudes sempre são atribuídas a nós, construindo sentidos de grupo e liderança que são tensionados por aqueles compartilhados na subjetividade social. Assim, uma participação meramente informativa e legitimadora é o que dá sentido ao liderado em um país presidencialista e repleto de arranjos organizacionais verticalmente estruturados. O Salvador da Pátria, como fantasia, personaliza o (in)sucesso de qualquer projeto, aliviando os liderados do fardo de definir seu próprio futuro. Esses achados permitem uma definição singular da liderança elaborada nas considerações finais a seguir.

5 CONCLUSÕES

O objetivo deste artigo é discutir os sentidos subjetivos da liderança de um sujeito negro, gay e de origem periférica que assume o papel de líder no MBL. Em seu desenvolvimento, apresentou-se a literatura sobre o MBL, sobre a dimensão subjetiva da liderança, as perspectivas – teórica e epistemológica – aqui adotadas, os procedimentos metodológicos de produção de dados e de construção da informação, as falas do sujeito, um modelo teórico da liderança no caso singular e as contribuições oferecidas à literatura. Observou-se um homem complexo, que pensa e age na organização conforme suas próprias convicções e princípios. O caso sugere sentidos subjetivos do negro, do gay, do periférico e da alienação que se configuram sob as tensões entre o posicionamento político e as expectativas sociais adjacentes à condição socioeconômica do sujeito, e entre o sentimento de decepção com os políticos tradicionais e as

fantasias de salvador da pátria e líder eficaz. Esses sentidos são expressos ao demarcar espaço como voz contraditória, ao lutar contra a natureza punitiva do tratamento que é dado ao preconceito no Brasil e na representação da liderança legitimada pelo afeto dos liderados em um grupo que despreza o academicismo.

Isso permite afirmar que nem sempre o estereótipo do gay resulta em isolamento do sujeito, e que ao assumir o caráter ativo de se contrapor às expectativas sociais sobre o seu posicionamento, a ação do líder é uma expressão dos seus sentidos subjetivos da liderança. Autoriza ainda apontar que, em um contexto de polarização, sempre há espaço para organizar novos grupos pela demarcação de diferenças entre “nós” e “eles”, e que a possível reconfiguração de sentidos dos interlocutores sugere uma função educativa adjacente à liderança. A fantasia do salvador da pátria parece expressar o desejo por um líder que ofereça soluções simples, como culpar alguém, para resolver problemas cada vez mais complexos. Esses achados autorizam uma definição inédita da liderança. A liderança, nessa perspectiva, é um fenômeno que se manifesta na subjetividade social, mas que é interdependente dos elementos individuais que definem o líder. Ao se tornar líder, esse sujeito produz sentidos subjetivos do seu papel, configurados de forma complexa, dinâmica e plurideterminada, em um contexto histórico e social específico, que se imbricam às suas ideias e ações ao liderar.

Sentidos compartilhados na dimensão social tensionam a subjetividade individual dos sujeitos que circulam naquele contexto, constituindo formas singulares de aceitar (ou não) um líder. Assim, propõe-se uma perspectiva inédita de liderado como sujeito autônomo, criativo e crítico. Propõe-se também, um líder que vai agir e pensar conforme incontáveis determinantes, algumas das quais sequer são consideradas relevantes na literatura, tais como os sentidos do conhecimento científico, suas representações teóricas e sentimentos de cansaço. Apesar da relevância dos seus achados, este artigo se limita a investigar a liderança no contexto da política em um movimento de direita. Sua investigação em outros contextos como os coletivos, religiosos e empresariais, nesta perspectiva teórica, pode contribuir com novos achados para a literatura sobre a temática em estudos futuros. Por fim, considerando o papel ativo do pesquisador na Epistemologia Qualitativa, vale uma crítica à uma fala de Bruno: pessoas racistas e homofóbicas devem ser silenciadas sim. Não há espaço para empatia, sendo necessário dedicar a eles tão somente os rigores da lei.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) - Edital: CADASTRAMENTOS DOS PPG – 2016.

REFERÊNCIAS

ALMADA, L.; POLICARPO, R. V. S. A relação entre o estilo de liderança e a resistência à mudança dos indivíduos em um processo de fusão. *Revista de Gestão*, n. 23, p. 10-19, 2016.

BALIEIRO, F. F. Uma sociologia do escândalo da Mostra Queermuseu: disputas de enquadramento midiático entre o jornalismo profissional e o Movimento Brasil Livre. *Revista Sociedade e Estado*, n. 37, v. 2, p. 551-573, 2022.

BARON, L. Se empurrar, ela cai: as grandes manifestações pró-impeachment e a construção discursiva dos Movimentos Brasil Livre, Vem pra Rua, Revoltados Online e Endireita Brasil. *Simbiótica*, n. 6, v. 2, p. 191-217, 2019.

BORGES, S. S. F. As imagens da ideologia punitiva. Uma análise de discurso crítica do Movimento Brasil Livre. *Revista Sociedade e Estado*, n. 35, v. 1, p. 343-344, 2020.

BRODBECK, P. S. L.; PRUDENCIO, K. C. S. Liberais ao estilo populista: a argumentação do MBL no YouTube. *Media & Jornalismo*, n. 22, v. 40, p. 261-281, 2022.

CAMPOLINA, L. O.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. The configuration of social subjectivity in an innovative educational institution in Brazil. *International Research in Early Childhood Education*, n. 7, v. 1, p. 182-200, 2016.

CHASE, A.; MARTIN, J. L. I can't believe I'm still protesting: choppy Waters for women in educational leadership. *International Journal of Leadership in Education: Theory and Practice*, v. 24, n. 1, p. 1-23, 2021.

COMER, K. Collaborative professional learning: contributing to the growth of leadership, professional identity and professionalism. *European Early Childhood Education Research Journal*, v. 25, n. 3, p. 436-449, 2017.

DAVIS, S. Right-wing leninism in brazil: reflections on O Movimento Brasil Livre. *South Atlantic Quarterly*, v. 122, n. 4, p. 747-761, 2023.

DAVIS, S.; STRAUBHAAR, J. Producing antipetismo : media activism and the rise of the radical, nationalist right in contemporary Brazil. *The International Communication Gazette*, v. 82, n. 1, p. 82-100, 2020.

DEAN, H.; FORD, J. Discourses of entrepreneurial leadership: Exposing myths and exploring new approaches. *International Small Business Journal*, v. 35, n. 2, p. 178-196, 2017.

FAIRCHILD, N. The micropolitics of posthuman early years leadership assemblages:

Exploring more-than-human relationality. *Contemporary Issues in Early Childhood*, v. 20, n. 1, p. 53-64, 2019.

FERREIRA, J. M.; NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *RAC*, v. 17, n. 1, p. 398-417, 2013.

FERREIRA, M. A. S.; ALMEIDA, H. N. Protestos contra e a favor do impeachment de 2016 no Facebook: uma análise das páginas do MBL e Frente Brasil Popular. *Simbiótica*, v. 8, n. 2, p. 157-186, 2021.

FERREIRA, S. M. M.; SILVA, E. F. “Não nos representam!”: da crise de legitimidade feminista no discurso de mulheres do Movimento Brasil Livre – MBL. *Caderno Espaço Feminino*, v. 32, n. 2, p. 23-48, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC, 2003b.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade – os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003a.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Editora Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L.; TORRES, J. F. P. La Epistemología Cualitativa y el estudio de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. *Conversación con Fernando González Rey. Revista de Estudios Sociales*, n. 60, p. 120-127, 2017.

GRANERO-MOLINA, J.; FERNÁNDEZ-SOLA, C.; MATEO-AGUILAR, E.; ARANDA-TORRES, C.; ROMÁN-LÓPEZ, P.; HERNÁNDEZ-PADILLA, J. M. Fundamental care and knowledge interests: Implications for nursing science. *Journal of Clinical Nursing*, n. 27, p. 2489-2495, 2018.

GUIMARÃES, M. C. S. As novas formas de organização e articulação das classes dominantes: o MBL em questão. *Revista de Políticas Públicas*, n. 22, v. 2, p. 621-640, 2019.

KIM, Y. Self-leadership types of nursing students. *Research Journal of Pharmacy and Technology*, n. 10, v. 7, p. 2350-2354, 2017.

KIM, Y. The subjective of department satisfaction in nursing students. *Indian Journal of Science and Technology*, n. 9, v. 29, p. 1-7, 2016.

KLAUSEN, J. C. Beyond the Pleasure Principle, “A Child Is Being Beaten” and the scenography of fantasy: boutique ultraliberalism in a Brazilian

MACIAZEKI-GOMES, R. C.; NOGUEIRA, C.; VÁZQUEZ, C. L.; TONELI, M. J. Participação política e subjetividade – narrativas de vida de trabalhadoras rurais do sul do Brasil. *Psico*, v. 47, n. 2, p. 148-158, 2016.

MARTINS, L. M.; BARROS, A. T. Juventude e educação para a democracia: relatos de egressos do Parlamento Jovem Brasileiro. *Revista de Sociologia e Política*, v. 26, n. 66, p. 49-78, 2018.

MATOS, S. S.; HOBOLD, M. S. Constituição de sentidos subjetivos do processo ensino e aprendizagem no Ensino Superior. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n. 2, p. 299-307, 2015.

MONTEVECHI, C. Ativismo anticorrupção no Brasil e a teoria dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 34, p. 1-37, 2021.

MOURÃO, M.; LEPRI, A. G. A política narrativa do Movimento Brasil Livre no documentário Não vai ter golpe! O nascimento de uma nação livre (2019). *DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário*, n. 28, p. 117-139, 2020.

MUSSOLINO, A. D.; CICELLIN, B. M.; IACONO, C. M. P.; CONSIGLIO, B. S.; MARTINEZ, C. M. Daughters' self-positioning in family business succession: A narrative inquiry. *Journal of Family Business Strategy*, n. 10, p. 72-86, 2019.

OLIVEIRA, D. B. R.; MACHADO, E. R. Vem pra Rua e MBL no contexto do golpe parlamentar no Brasil. *Lutas Sociais*, v. 23, n. 42, p. 98-108, 2019.

OLIVO, M. G. Educación para la ciudadanía en Chile. *Información Tecnológica*, v. 28, n. 5, p. 151-164, 2017.

PANTALEÃO, P. F.; VEIGA, H. M. S. Bem-estar no trabalho: revisão sistemática da literatura nacional na última década. *Holos*, v. 35, n. 5, p. 1-24, 2019.

PAULA, L.; DOMINGUES, J. Feitos da bolha: conservadorismo e militância digital no caso Queermuseu. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 14, n. 3, p. 76-96, 2020.

PEARCE, W. B. Nuevos modelos y metáforas comunicacionales: el pasaje de la teoría a la praxis, del objetivismo al construccionismo social y de la representación a la reflexividad. In: D. F. Schnitman (Ed.). *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividade*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

RANCIÈRE, J. *Política, policia, democracia*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2006.

RESENDE, N. S. G. Semiótica, ciberativismo e paixões nos comentários da fanpage do Movimento Brasil Livre (MBL). *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 12, n. 3, p. 209-225, 2019.

RODRIGUES, C. O discurso neoconservador: antagonismo e disputas. *Revista Temas em Educação*, v. 29, n. 3, p. 345-365, 2020.

ROSA, P. O.; BRAGA, T.; ÂNGELO, V. Novíssimas direitas, pós-verdade e “estética da zoeira”. *Psicologia Política*, v. 22, n. 53, p. 123-142, 2022.

SANTOS, M. B. P.; PENTEADO, C. L. C.; ARAÚJO, R. P. A. The Movimento Brasil Livre and the new brazilian right in the election of Jair Bolsonaro. *Latin American Perspectives*, v.

50, n. 1, p. 237–253, 2023.

SCOZ, B. J. L.; RODRIGUES, V. N. S. Aula de história: subjetividade e memória na aprendizagem de alunos. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n. 1, p. 79-86, 2015.

SENIOR, A.; KELLY, S. On the Dialectics of Charisma in Marina Abramović's The Artist is Present. *Performance Research*, v. 21, n. 3, p. 74-83, 2016.

SILVEIRA, R. Z. A subjetividade nos Estudos Organizacionais: enfoques, senso comum, complexidades, superações... In Rede ORD (Eds.) Anais, VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração. Florianópolis, Brasil: Rede ORD, 2017.

SINDERSKI, R. M.; CERVI, E. U. Conversação política na fanpage do Movimento Brasil Livre: uma análise das discussões sobre a redução da maioria penal entre 2015 e 2018. *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, v. 6, n. 3, p. 75-96, 2019.

SINNER, R. V.; GABATZ, C. Populismo e “povo”: precariedades e polarizações como desafio para os direitos humanos na perspectiva de uma teologia pública na contemporaneidade. *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 1, p. 188-205, 2020.

STAKE, R. E. Qualitative case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *The SAGE handbook of qualitative research*. 3. Ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005, p. 443-466.

WALLACE, D.; KARANGWA, E.; BAYISENGE, J. ‘Boys don’t rule us’: exploring Rwandan girls with disabilities’ resistance to masculine dominance in school. *International Journal of Inclusive Education*, v. 23, n. 3, p. 297-312, 2019.

WEGMANN, D. P. El Movimiento Brasil Livre y el caso Marielle: crimen, conflicto y sociedad digital. *Virtualis*, v. 13, n. 25, p. 12-33, 2022.

YAP, K.; CHOY, S. Learning and práxis for workplace safety. *Journal of Workplace Learning*, v. 30, n. 4, p. 230-244, 2018.

ZEMBYLAS, M. Professional standards for teachers and school leaders: Interrogating the entanglement of affect and biopower in standardizing processes. *Journal of Professional Capital and Community*, v. 3, n. 3, p. 142-156, 2018.